

Diversão&Arte

Inventário DE UMA PAIXÃO

COLEÇÃO PARTICULAR DO PROFESSOR DE FILOSOFIA **MARCONI SCARINCI** REÚNE 500 LIVROS A RESPEITO DO ESPORTE MAIS POPULAR DO MUNDO, COM PRECIOSIDADES COMO DEDICATÓRIA DE PELÉ

» JOÃO PEDRO ALVES*

Em comemoração aos 50 anos do título da Copa de 1958, Brasília recebeu eventos que incluíram a presença de jogadores campeões e da delegação sueca, adversária do Brasil na final daquela conquista. O produtor cultural Marconi Scarinci relembra com brilho nos olhos o momento em que, no Meliá Hotel, num jantar repleto de convidados ilustres, escutou o chamado da estrela da festa.

— Meu professor! — disse Pelé. Scarinci conferiu todos os lados e constatou que aquelas palavras só poderiam ter sido dirigidas a ele. Ao cumprimentar o Rei do Futebol, entendeu que os elogios do trabalho como coordenador da semana comemorativa Heróis de 1958 haviam chegado longe. Desse encontro, Scarinci guarda, além de fotos, a dedicatória gravada na autobiografia de Pelé.

Essa é uma das histórias escondidas por trás da coleção particular de Scarinci, que reúne mais de 500 obras com a temática do futebol nas estantes do próprio apartamento. Cada lombada aciona diferentes memórias e tudo começou por acaso, há 30 anos. Formado em filosofia no Instituto de Ensino Superior do Centro-Oeste (Iesco), Scarinci sempre cultivou o hábito de reter livros.

Na década de 1990, um amigo interessado em estudar a relação entre futebol e teatro na produção de Nelson Rodrigues pediu material bibliográfico emprestado a Scarinci,

que não conseguiu atender à demanda. Diante da lacuna, passou a procurar essa temática com mais frequência nos sebos por onde circulava. “Boa parte do que tenho aqui é fruto de garimpo”, diz Scarinci, como se refere ao processo de vasculhar.

Conquistados com muito esforço, o batom de Elza Soares e o autógrafo de Nilton Santos na biografia do Garrincha, escrita por Ruy Castro, são outras preciosidades da coleção. Títulos como *Eu sou Pelé*, de 1961, *As lições da Copa*, de Zagallo, e *O negro no futebol brasileiro*, de Mário Filho aparecem em destaque nas estantes. O botafoguense, professor de filosofia do Centro de Ensino Médio Taguatinga Norte, dispensa clubismos. Cabem na prateleira obras a respeito de todos os times brasileiros. “Se aparece um atleticano, mostro autógrafo do Reinaldo. Um cruzeirense, do Tostão”, diz Scarinci.

Mais antiga que a dos livros é a paixão pelo futebol. A primeira Copa que acompanhou foi a de 1970, aos oito anos. Jairzinho, Rivelino, Pelé, Gérson, Clodoaldo e Brito foram alguns dos nomes responsáveis pelo encantamento primordial de Scarinci — para azar do pai dele, um italiano que viu a Azzurra perder aquela final por 4 a 1. Apesar da

Marconi Scarinci: colecionador de livros e de memórias relacionadas ao futebol acredita que Brasil precisa resgatar identidade de “artistas da bola”

frustração na Copa seguinte, em 1974, foi ali que se construíram as bases da troca entre as letras e o futebol na vida de Scarinci.

“Na Copa de 1974, comecei a ler cadernos de esportes, o *Jornal dos Esportes*, por exemplo, criado pelo Mário Filho. Essa ação me levou a ser um bom leitor. O futebol serviu para mim de letramento.” Edições especiais de revistas, como a *Manchete Esportiva*, também fazem parte do acervo de Scarinci. “Nessa de 1958, Nelson Rodrigues sentenciou o fim do complexo de vira-lata. Quer dizer, o futebol foi importante até nisso.”

Se alguns argumentam que esportes representam alienação, Scarinci defende o contrário. Depois da língua portuguesa, diz, “o futebol é o elemento que mais unifica os brasileiros”. Ele também aponta a contribuição para a música e para a cultura em geral como prova da importância. As estantes repletas de livros a respeito do tema vão nessa direção, o que não impede posicionamentos críticos. “Desde 2014, com a goleada por 7 a 1, entramos em uma crise profunda do nosso futebol. Isso tem a ver com a mercantilização, apesar de ela ser anterior.

Jogador

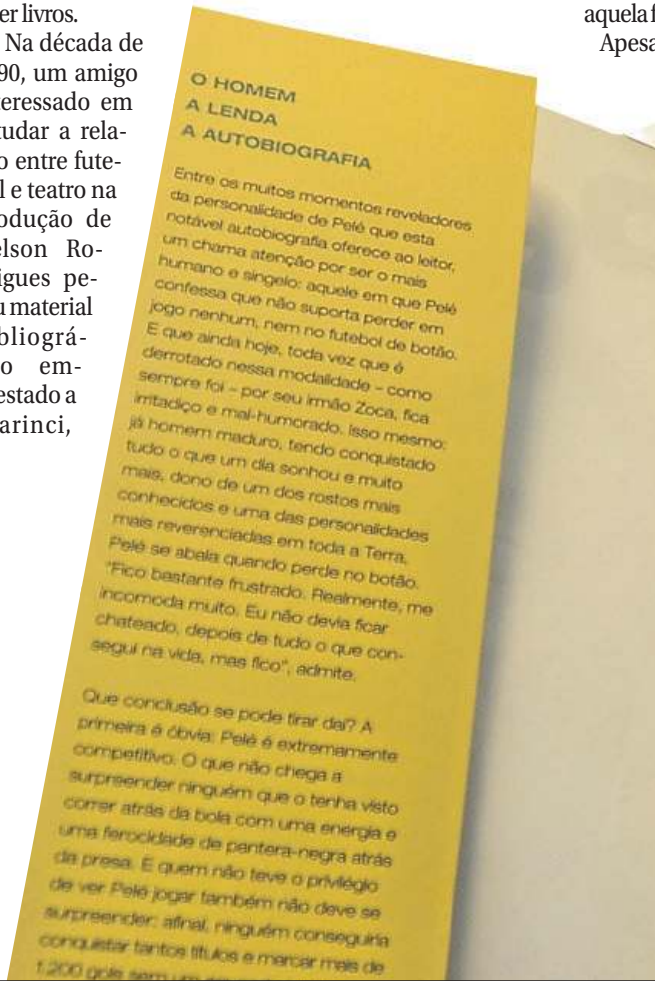
no Brasil virou commodity, para exportação. Mal começam em nossos clubes e já vão embora. Isso é ruim porque gera perda da identidade da Seleção”, expõe Scarinci.

Na fase de ouro do futebol brasileiro, de 1958 a 1970, continua o professor, quase todos os jogadores atuavam no Brasil. “Você ficava esperando a lista para ver se o cara do seu time ia ser convocado, então gerava mais fervor para torcer. Se tinha uma coisa que nos orgulhava era a Seleção. Deixamos isso se perder.”

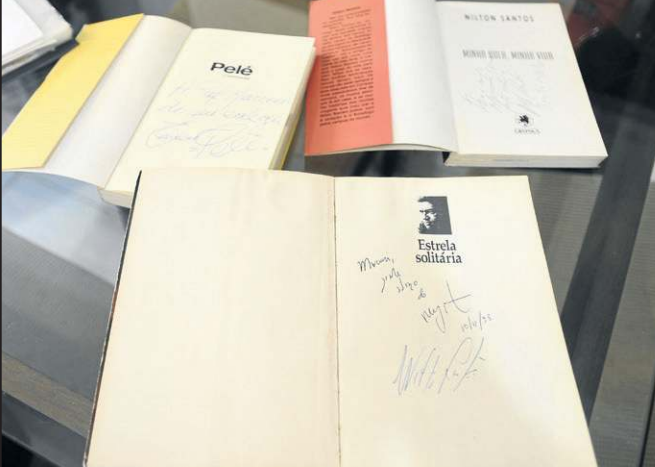
Segundo Scarinci, o futebol arte, principal característica do estilo de jogo brasileiro, deve ser resgatado. “Nilton Santos dizia: o dia que passarmos a jogar como os europeus, nosso futebol vai morrer. A ginga é nossa. Criamos uma maneira. Até o historiador Eric Hobsbawm fala isso.” Para ele, Vinícius Júnior, Estevão, Endrick e Neymar, tal qual Ronaldinho e Rivaldo, são herdeiros da tradição de “artistas da bola”.

Quando recebeu o *Correio* no apartamento em que mora, Scarinci escutava um dos temas do filme *Tostão a fera de ouro*, trilha sonora composta por Milton Nascimento. As estantes de livros que dominam a sala também dividem espaço com discos. Ao longo da conversa, o professor exibiu a memória enciclopédica de momentos do futebol. O mais tocante, no entanto, parece ter sido naquele jantar no Meliá, ao receber convite de Pelé para cumprimentar os funcionários do hotel. “Eu sou povo também.” Ao lembrar a frase do maior ídolo do futebol brasileiro, Scarinci foi às lágrimas, demonstração de sentimentos que vão além do esporte.

*Estagiário sob supervisão de Severino Francisco



Fotos: Minervino Junior CB/DA Press



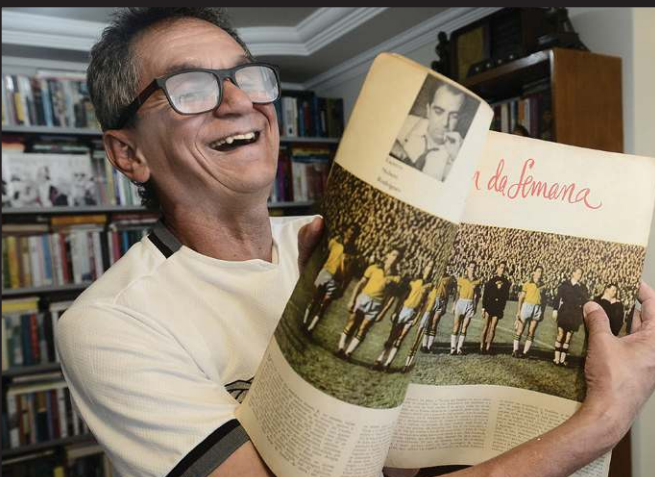
Autógrafos de Nilton Santos e Elza Soares



Encontro com Pelé ainda arranca lágrimas



Scarinci tem na memória esses momentos



Revista Manchete também é parte do acervo



Almanaque das copas é um dos preferidos de Marconi Scarinci



Livros no formato de arte são os mais chamativos